

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA, VINTE ANOS DEPOIS¹

Reflexões sobre a dinâmica de organização da produção no desenvolvimento regional

Professor Dr. Félix Alfredo Larrañaga

Centro Universitário Sumaré

RESUMO: este trabalho analisa o processo de reestruturação produtiva ao longo da história e, em particular, seu comportamento no ambiente atual, caracterizado pelos efeitos de uma revolução tecnológica que, iniciada aproximadamente na década de 80, têm trazido mudanças fundamentais na gestão de todas as atividades políticas, econômicas e sociais.

Nesse contexto, denominado por CASTELLS e outros autores de “sociedade em rede”, os países da América Latina, que tradicionalmente tem desempenhado o papel de fornecedores de insumos básicos na divisão internacional do trabalho, se defrontam com um cenário muito mais complexo e difícil de superar, para o seu desenvolvimento. A dependência tecnológica, os coloca no papel de receptores de tecnologias médias ou “baratas”, deixando para os países desenvolvidos a liderança tecnológica, e com ela, a continuidade das lideranças econômica e financeira mundiais.

Do futuro da América Latina nesse ambiente e das dificuldades que seguramente a região deverá resolver trata o presente texto atualizado.

*“No fim do segundo milênio da Era Cristã, vários acontecimentos de importância histórica têm transformado o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação (...) a interdependência global, apresentando uma nova relação entre a economia, o Estado e a sociedade, (...) o fim do movimento comunista internacional (...) o fim da guerra fria, (...) a alteração da geopolítica global. O próprio capitalismo passa por um processo de profunda reestruturação caracterizado por maior flexibilidade de gerenciamento, descentralização de empresas, fortalecimento do capital vis-à-vis o trabalho, declínio da influência dos movimentos de trabalhadores, (...) incorporação maciça das mulheres na força de trabalho remunerada, (...) aumento da concorrência econômica global em um contexto de progressiva diferenciação dos cenários geográficos e culturais para acumulação e gestão de capital”.*²

Palavras-chave: Tecnologia, Gestão, Reestruturação, Liderança

ABSTRACT: This paper analyzes the process of productive restructuring throughout history and, in particular, its behavior in the current environment, characterized by the effects of a

¹ O texto original deste artigo foi publicado na Revista APG da PUCSP, São Paulo, 2004, Ano XI, No. 30, ISSN 0104-3803. O objetivo do presente texto é verificar se a situação relatada no início do século XXI permanece e, se houver diferenças, identificá-las (N/A).

² CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – V.1 - A Sociedade em Rede*, pp. 21 e 22.

technological revolution that began approximately in the 1980s and has brought about fundamental changes in the management of all political, economic, and social activities.

In this context, referred to by Castells and other authors as the "network society," Latin American countries, which traditionally have played the role of suppliers of basic inputs in the international division of labor, are facing a much more complex and difficult scenario for their development. Technological dependence puts them in the role of recipients of medium or "cheap" technologies, leaving technological leadership and, with it, the continuation of global economic and financial leadership to developed countries.

The present updated text addresses the future of Latin America in this environment and the challenges that the region will undoubtedly have to overcome.

"At the end of the second millennium of the Christian Era, several historically significant events have transformed the social landscape of human life. A technological revolution focused on information technologies (...), global interdependence, presenting a new relationship between the economy, the state, and society (...), the end of the international communist movement (...), the end of the Cold War (...), the alteration of global geopolitics. Capitalism itself is undergoing a process of profound restructuring characterized by greater management flexibility, decentralization of companies, strengthening of capital vis-à-vis labor, decline in the influence of workers' movements (...), massive incorporation of women into paid labor force (...), increased global economic competition in a context of progressive differentiation of geographical and cultural scenarios for capital accumulation and management."

Keywords: Technology, Management, Restructuring, Leadership

INTRODUÇÃO

A América Latina sofreu o impacto da economia mundial desde seu descobrimento e, assim, sua estrutura produtiva foi variando ao longo do tempo. A Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), bloco criado através do Tratado de Montevideu de 1980, âmbito de pesquisa deste trabalho, será o cenário no qual se pretende analisar a evolução industrial e a organização da produção e do trabalho.

O propósito desta análise é identificar os efeitos prováveis sobre os processos de industrialização, das variações resultantes das mudanças nos processos de produção desde o sistema fordista triunfante no início do século XX, até a produção flexível e a gestão das cadeias de suprimentos de finais desse século e princípios do atual. Posteriormente, a análise se estende até 2020 e o cenário se amplia para a região de América Latina e Caribe (ALC).

Os processos de industrialização, hoje submetidos aos efeitos dominantes da era da informação, começaram na Europa em finais do século XVIII e inícios do XIX, com a revolução industrial e com a procura da expansão da fronteira para grandes espaços vazios de regiões de clima similar. Para esses espaços exportavam-se técnicas, mão de obra e capital, enquanto simultaneamente implantava-se um sistema de divisão internacional do trabalho. Nesse sistema de divisão do trabalho coube às Américas espanhola e lusitana o papel de fornecedoras de matérias primas e riquezas minerais.

Este processo, a partir de um certo momento, começou a mostrar sinais de fraqueza e, conforme FURTADO, a definir uma marcada tendência ao aumento das diferenças entre os países irradiadores das transformações e os países receptores delas³.

Para aqueles países que começaram sua industrialização no século XIX, o comércio internacional era um caminho para ampliar sua base de recursos naturais e, ao mesmo tempo, para alcançar economias de escala de produção.

Os países destinatários das mercadorias exportadas, que, por sua vez, eram fontes de matérias primas básicas, tiveram um período de fortes transferências de capitais até que a tecnologia começou a favorecer o aumento da produtividade, o aproveitamento de materiais anteriormente inadequados, e a substituição de matérias primas naturais por materiais sintéticos, levando aos países produtores de insumos básicos a uma situação de dependência e inadimplência. Com a perda da importância relativa do controle das fontes de matérias primas, passaram a ser cada vez mais significativos o controle do conhecimento, da tecnologia, das escalas de produção e de escopo, da capacidade de gestão e do controle dos fluxos financeiros.

No período posterior à Segunda Guerra Mundial, durante uma ordem internacional denominada bipolar, que identificava o conflito Leste/Oeste, América Latina fez parte do mundo ocidental pela sua posição geopolítica no continente americano, sua matriz colonizadora de origem ibérica, sua tradição cultural greco-romana e judaico-cristã e sua opção pela economia de mercado. Na relação conflituosa Norte/Sul, todos os países da região mostraram instabilidade política, desigualdades sociais, desequilíbrios internos, crise financeira e dependência, assumindo um lugar de privilégio no chamado Terceiro Mundo.

No início do século XXI, a América Latina em geral e o Mercosul, em particular, encontravam-se imersos num contexto cujos efeitos no meio e longo prazo eram difíceis de prever. México, Brasil e Argentina, países cuja industrialização começou tardiamente e que por isso mesmo e por sua condição de países exportadores de insumos básicos, revelavam um relativo atraso industrial e evidenciavam uma manifesta dependência de capitais, tecnologia e mercados.

Fatos novos como a globalização, os processos de integração, o chamado desemprego estrutural, a necessidade de novos hábitos de comportamento e qualificações diferentes, a redução salarial, o aparecimento de formas de emprego diferentes das tradicionais, à volta ou o reaparecimento de formas de trabalho familiar, o trabalho de tempo parcial, a terceirização e o crescimento do setor de serviços como destino da mão de obra desocupada da indústria, foram característicos das mudanças da segunda metade do século XX e do processo que veio a se chamar de *reestruturação produtiva*.

Transcorridos mais de vinte anos desde a publicação do original, este texto analisa as principais variações ocorridas nesse período e pretende verificar se a situação inicialmente descrita, permanece.

Para tratar da reestruturação produtiva e do desenvolvimento na América Latina, o presente trabalho discorre sobre a sociedade em rede e seus efeitos na organização dos negócios na primeira parte, analisa a divisão internacional do trabalho, desde a Primeira Revolução Industrial até as Revoluções Tecnológica e Digital na segunda, para finalmente reflexionar, na terceira, sobre o desenvolvimento na América Latina e Caribe, no período estendido de 1980 a 2020.

³ FURTADO, Celso, *Teoria e política do desenvolvimento econômico*, p. 333.

I – A SOCIEDADE EM REDE

Existem formas diferentes de enxergar a realidade e, dentre elas, aquela de Manuel CASTELLS parece ser lúcida e bem-intencionada. Não se encontraram ao longo dos diversos textos analisados, posições dogmáticas ou maniqueístas que possam invalidar a análise.

O autor interpreta a situação atual como a de uma profunda revisão do sistema capitalista que ainda está em andamento, e que permite observar a integração global dos mercados financeiros, o desenvolvimento da região do Pacífico asiático a quem outorga a característica de ser ou de poder vir a ser um novo centro industrial dominante, as dificuldades da integração europeia, a formação da North American Free Trade Association (NAFTA), a desintegração do Terceiro Mundo, o desmoronamento da URSS e a formação de um *sistema interdependente mundial*, que funciona em tempo real.

Especificamente, confirmando a previsão de CASTELLS, na atualidade se observa a liderança chinesa nos negócios e nas questões políticas mundiais. De acordo com o Jornal New York Times⁴, a China moderna foi construída com conexões globais e a crença de que enviar jovens, empresas e futuras lideranças ao mundo exterior para absorver conhecimentos era o caminho para evoluir desde a pobreza para o poder.

O *paradigma da sociedade global, transnacional ou da interdependência*, conforme definido por ARENAL⁵, parece enquadrar a obra de CASTELLS. Em paralelo com as características apontadas, as organizações criminosas, a máfia, as drogas e as gangues, também globais de um lado, e a queda da forma patriarcal de organização familiar, a cultura do efêmero, a crise dos sistemas políticos, a procura de identidades religiosas ou mágicas, étnicas, territoriais, o fundamentalismo e a indisciplina social do outro, levam a sociedade a uma forma de organização diferente de aquela que era conhecida e segura.

As sociedades, fragmentadas, estão estruturadas entre uma organização em rede e a cultura do individualismo. Parece que quem pode se incorporar à rede pertence a alguma sociedade e quem não pode, está automaticamente excluído dela. Nesta sociedade os indivíduos e os grupos sociais passam a se considerar um ao outro como estranhos como ameaças e até como inimigos. A identidade está se transformando na única fonte de significado neste período de organizações desestruturadas e instituições ilegítimas.

A revolução tecnológica da informação está presente em todas as esferas da vida familiar, empresarial, econômica, política e social. Foi numa nova realidade, explicada pelo paradigma da interdependência desenvolvido na década de 70 e mencionado anteriormente, juntamente com um novo paradigma tecnológico da mesma época, que um segmento específico da sociedade norte-americana, relacionado com a economia global e a geopolítica mundial, foi capaz de definir um novo modelo de produção, comunicação, gestão e vida⁶. A realidade norte-

⁴ New York Times Journal. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/02/23/world/asia/china-xi-jinping-world.html>. Acessado em 10/05/2023.

⁵ ARENAL, Celestino del, *Introducción a las Relaciones Internacionales*, pp. 30-33. **Paradigma da sociedade global, transnacional ou da interdependência**: este paradigma das Relações Internacionais (RI) entende que o mundo está caracterizado por um fenômeno crescente de interdependência e de cooperação, que o transforma em uma sociedade mundial e no qual se nota o enfraquecimento do papel do Estado. O aparecimento de novos atores governamentais e não governamentais nas RI, teria levado o sistema internacional a perder seu caráter estatocêntrico anterior e ao desaparecimento da tradicional separação entre política interna e internacional.

⁶ CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – V.1 - A Sociedade em Rede*, p. 25.

americana das décadas de 60 e 70 passou por uma série de eventos que marcou profundamente a essa sociedade. Nesse ambiente, com a cultura da liberdade liderada pelo movimento *hippie* e outras manifestações da inovação individual e do empreendedorismo dos *campuses* norte-americanos, deu-se o grande avanço tecnológico, que na origem teve o financiamento dos programas militares das décadas anteriores. A revolução tecnológica assim iniciada difundiu o espírito de liberdade dos movimentos sociais da década de 60, na cultura das diferentes sociedades.

O desenvolvimento da Internet, financiado pelo governo norte-americano através da DARPA na década de 60, resultou numa arquitetura de rede composta por milhares de redes de computadores autônomos, com inúmeras formas de interconexão, que não pode ser controlada desde centro nenhum, tal como foi decidido originalmente.

A tecnologia ou sua falta está relacionada com a capacidade de desenvolvimento e transformação das diferentes sociedades, o que cria mais um vetor de dependência para as sociedades que não a possuem. Assim, a partir da década de 80 a tecnologia de informação (TI) foi essencial para a revisão e a implementação de um processo de reestruturação do sistema capitalista.

CASTELLS define a sociedade em rede indicando claramente que as funções e processos dominantes na era da informação estão organizados em torno de redes. SENNETT⁷, por sua vez, se refere a organização em rede quando diz que a prática administrativa moderna acredita que as redes elásticas são mais abertas à reinvenção decisiva que as tradicionais hierarquias piramidais, como aquelas que governam as organizações militares, a igreja e similares adaptadas pelo mundo empresarial já desde a época fordista. Os nós dessas redes são frouxos, e é possível tirar uma parte da rede sem destruir o resto, com o que resulta um sistema fragmentado, que permite sua revisão frequente.

No modo informacional, a fonte de produtividade se encontra na geração de conhecimentos, no processamento da informação e na comunicação de símbolos. Esse fato nos obriga a esclarecer os conceitos a serem utilizados na análise do desenvolvimento da América Latina na realidade informacional. Vejamos:

Informação: conjunto de dados organizados e comunicados.

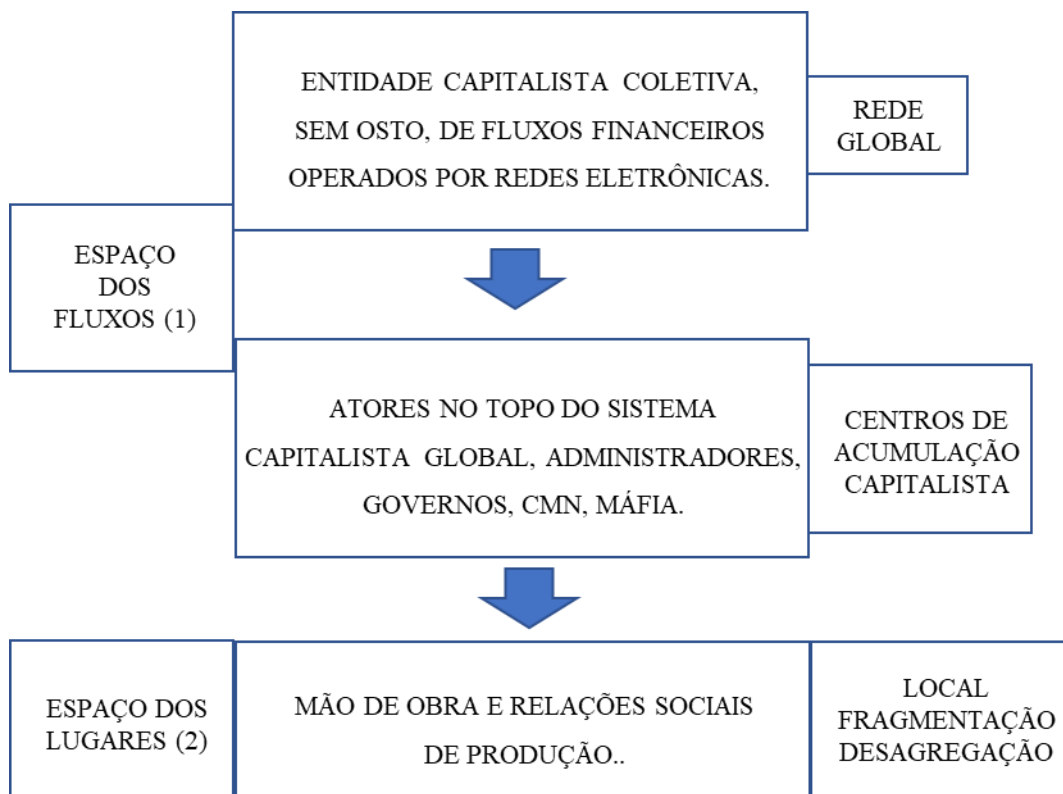
Sociedade Informacional: forma de organização social na qual a geração, processamento e transmissão da informação são fontes de produtividade e poder, consequência das condições tecnológicas existentes. Uma das características desta sociedade é sua organização em redes⁸, embora alguns dos seus componentes como os movimentos sociais ou o Estado tenham características diferentes, que vão além da lógica da “sociedade em rede”.

A Sociedade em Rede: conjunto de nós interligados. Nó é o ponto no qual as curvas da rede se cruzam. As curvas representam fluxos e os nós, atores que variam conforme o sistema que está sendo analisado. Assim o sistema financeiro global representa os fluxos financeiros por meio das curvas e os nós representam os atores: mercados monetários, bolsas de valores e agências relacionadas.

Gráfico 1 – Estrutura da sociedade em rede

⁷ SENNETT, Richard, *A Corrosão do Caráter*, p. 55.

⁸ CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – V.1 - A Sociedade em Rede*, pp. 35, 45, 46 e 497- 506.



(1) Espaço de fluxos: “organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Os fluxos são seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade”⁹.

(2) Espaço dos lugares: percepção do espaço das pessoas com base num lugar ou...” o local cuja forma, função e significado são independentes das fronteiras da contiguidade física”¹⁰.

Os processos de inclusão e exclusão são predominantes nessa rede por quanto a só presença ou a ausência nela indicam a situação inclusão ou de exclusão, que, por outro lado, evidencia a existência de fontes de poder capazes de incluir/excluir e/ou transformar a sociedade. As redes, como estruturas abertas, permitem sua expansão sem limites, integrando novos nós, que partilhem os mesmos códigos de comunicação. As redes são estruturas apropriadas para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada e são fontes de reorganização das relações de poder.

A nova economia mostra por um lado uma organização em torno de redes globais de capitais, gerenciamento e informação, cujo acesso à tecnologia é importante para a melhora da produtividade e da competitividade, enquanto do outro o processo de trabalho é cada vez mais individualizado. Parece haver dois níveis diferentes de atuação.

⁹ CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – V.1 - A Sociedade em Rede*, p. 436

¹⁰ *Ibid.*, p.447

O capitalismo, nesta sociedade em rede, pode ser interpretado como global, sendo sua estrutura montada sobre uma rede de fluxos financeiros, pelos quais a acumulação continua para gerar a realização de valor nos mercados financeiros mundiais. Nota-se uma interdependência cada vez maior entre o capital financeiro e o capital industrial ou alta tecnologia, casamento que aumenta a separação entre os detentores do capital/tecnologia do resto. O capital, global, se incorpora no processo de acumulação capitalista por meio de redes eletrônicas. O Gráfico 1 seguinte representa a estrutura da sociedade em rede, segundo o modelo de CASTELLS e a interpretação deste autor.

A estrutura social latino-americana atual, decorrente das relações de produção, experiência, poder e modos de desenvolvimento, parece estar longe da organização do chamado primeiro mundo. Analisando essa afirmação, resulta necessário reconhecer no final do século XX e o início do XXI, a existência de dois modos predominantes de produção, capitalismo e estatismo, sendo que quase na sua totalidade a América Latina está sujeita ao primeiro deles, sendo Cuba o único país da região onde o modo de produção estatista está ainda em vigor.

Chama-se **produção** a ação humana sobre a natureza para apropriar-se dela e transformá-la no seu benefício, obtendo produtos, consumindo parte deles e acumulando o excedente para investimento conforme os objetivos sociais. Esta produção seria organizada em relações de classes que definem a divisão e a utilização do produto em relação ao consumo e ao investimento.

A transformação das matérias primas em produtos utilizando mão de obra se realiza por intermédio dos chamados meios de produção com base em energia, conhecimentos e informação. A **tecnologia** é a forma básica dessa relação.

No que diz respeito aos **modos de desenvolvimento** podem-se identificar o pré-industrialismo, o industrialismo e o informacionalismo. São de interesse para os fins do presente trabalho os dois últimos sobre os quais cabe distinguir seus objetivos. Enquanto o **industrialismo** procura o crescimento econômico, o **informacionalismo** procura o desenvolvimento tecnológico, isto é a acumulação de conhecimentos e maior complexidade no processamento da informação.

O resultado da aplicação do informacionalismo nas sociedades modernas leva ao aumento da produtividade, conceito que indica o grau de eficiência na utilização dos recursos produtivos. Com os mesmos recursos produz-se mais ou se necessitam menos recursos para produzir a mesma coisa. Recursos são os insumos necessários para produzir um bem ou serviço, ou seja, terra, capital e trabalho. Poderíamos acrescentar tecnologia e capacidade de gestão. O impacto resultante sobre o emprego resulta evidente.

Dessa forma, os detentores da tecnologia são cada vez mais competitivos no mercado internacional, enquanto os países que não possuem as tecnologias chamadas de ponta ficam em desvantagem competitiva e em uma relação de dependência, tanto das tecnologias para poder se inserir no mercado internacional, como dos produtos resultantes delas, caso não poder contar com tecnologias adequadas para produzi-los.

Finalmente, se a economia informacional é capitalista, quem são os capitalistas? Segundo CASTELLS¹¹, esta pergunta deve considerar vários níveis de resposta, que seriam: **os detentores dos direitos de propriedade** (acionistas de empresas, proprietários familiares, empresários individuais); **os administradores, ou controladores dos bens de capital ou de**

¹¹ CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – V.3 - Fim de Milênio*, p. 418-419.

produção em nome dos acionistas e *os mercados financeiros globais*, que são, conforme CASTELLS o verdadeiro capitalista coletivo, a mãe de todas as acumulações.

II – A DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

O conceito de divisão internacional do trabalho se remonta as primeiras manifestações de desenvolvimento industrial, no S. XVIII. A Primeira Revolução Industrial, acontecida na Inglaterra no período 1780/1820, associada ao descobrimento da máquina de vapor, levou o mundo de aquela época a separar dois grandes grupos de países: aqueles que estavam no caminho da industrialização, sem abandonar seu passado agropastoril e um outro formado pelos que, sem acesso ou sem interesse na indústria, continuaram sua vida de produtores de insumos básicos.

A aplicação prática dos desenvolvimentos da Primeira deu lugar à Segunda Revolução Industrial, que teria suas principais manifestações nos transportes, ferrovias, navegação marítima, telefone, telégrafo, energia e outras aplicações industriais. Esse fato acentuou a divisão do trabalho entre países centrais e periféricos. Pode-se dizer que essa segunda manifestação da revolução industrial se estendeu desde 1820/30 até 1930, coincidindo seu final, aproximadamente, com a crise de 1929.

A separação mencionada gerou uma *primeira divisão internacional do trabalho* conforme a qual os países industriais ou em vias de industrialização passaram a ser fornecedores de manufaturas e, os outros, fornecedores de produtos primários. Esta forma de distribuir o trabalho tinha como justificativa a chamada Teoria das Vantagens Comparativas¹².

A partir de 1920/30, alguns países, seguindo o modelo norte-americano, tentaram industrializar-se dando lugar ao que seria um grupo intermediário entre os dois anteriores. Seria o chamado grupo de países semiperiféricos, nos quais coexistiam a produção primária e uma industrialização parcial. Este processo foi chamado de *segunda divisão internacional do trabalho* que se estendeu até finais da década de 60. Nesse período, sobretudo após a crise de 1929 se implantaram políticas keynesianas de pleno emprego para evitar a repetição de crises como a da Bolsa de Nova Iorque de 1929.

O pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado pela intervenção do Estado na Economia, o processo de descolonização, o sistema bipolar que controlava a ordem mundial e o protecionismo como ferramenta para facilitar a passagem dos países em desenvolvimento do modelo agroexportador para algum grau de desenvolvimento industrial. Neste período aplicaram-se nos países em desenvolvimento os conceitos do fordismo, que fora tão bem-sucedido nos EUA em princípios do século XX.

Na década de 70, as crises do petróleo, a formação de blocos regionais, o desmoronamento do padrão ouro e, com ele, do sistema de Bretton Woods, a passagem do controle dos negócios para a atividade financeira, os investimentos estrangeiros diretos, a ação das corporações multinacionais, o keynesianismo e o incipiente processo de globalização geraram uma nova divisão do trabalho.

Aparece assim um processo conhecido como nova Revolução Tecnológica, associada à informática e as comunicações. Como resultado surgem os grandes conglomerados que, com uma nova estrutura organizacional em rede, passaram a controlar uma boa parte da geração de

¹² POCHMANN, Marcio, *O emprego na globalização*, pp. 13-41

riqueza e de emprego. O tópico anterior deste trabalho se ocupou da sociedade em rede, na qual essa nova realidade se desenvolve.

Simultaneamente, essa Revolução Tecnológica permite o aumento da produtividade, o que por sua vez exige menos mão de obra que em contrapartida deve ser muito bem qualificada. A consequência visível desse processo é o desemprego na indústria e a migração da mão de obra para o setor de serviços que cada vez representa uma parcela maior do produto nacional. Essa nova configuração constitui a **terceira divisão internacional do trabalho**. Nesse contexto, se podem identificar algumas características da economia global resultante da produção e concorrência com base informacional, tais como:

- ◆ **Interdependência:** a interdependência econômica, financeira, tecnológica e estratégica e muito profunda entre EUA, Japão e Europa, com uma marcada tendência a aumentar. Nas Relações Internacionais o **paradigma da interdependência**, já mencionado, explica esta relação.
- ◆ **Assimetria:** a economia global é assimétrica, com vários centros e várias periferias espalhados no Norte, no Sul, em países desenvolvidos e não desenvolvidos. Qualquer estatística sobre distribuição de recursos e de geração de riqueza mostra esta distribuição irregular e injusta. A tendência parece ir na direção do aumento das diferenças.
- ◆ **Regionalização:** este processo permite observar o comportamento dos países a se agruparem para conseguir economias de escala e de escopo, coisa que não resulta possível individualmente. Blocos regionais como a União Europeia, o Nafta, o Mercosul, a Comunidade Andina, Asean, e outros do tipo, são prova deste processo.
- ◆ **Diversificação crescente dentro das regiões:** há uma polarização produtiva nas diferentes regiões, resultante dos processos de produção flexíveis e da terceirização. Desse fato resulta uma crescente polarização da renda dentro das regiões e da distribuição irregular dos recursos. Isto é especialmente claro na região da Ásia.
- ◆ **Inclusão seletiva:** aqueles que conseguem se integrar às sociedades em redes passam a formar parte do sistema informacional.
- ◆ **Segmentação excludente:** outros, como quase a totalidade da África, estão fora do sistema e suas chances de se incorporar à nova divisão do trabalho são reduzidas.

Os fatores apontados definem uma geometria variável para a economia global, cuja tendência é a desintegração econômica e histórica.¹³ No que diz respeito aos modelos de divisão internacional do trabalho nesta economia globalizada é possível reconhecer os seguintes casos diferentes:

A tríade: rede extremamente interdependente entre EUA, Japão e Europa Ocidental, cujo grau de interdependência continua aumentando, já mencionado por K. OHMAE na década de 80, quando apresentou suas ideias sobre o “poder da tríade”.

A região do Pacífico: onde se encontra uma economia semi-integrada formada por Japão, os quatro “tigres”, a China e a região do sudeste asiático, que se transformou em um importante centro de acumulação capitalista. O poder econômico desta região é impressionante. Embora tenha sofrido uma crise em 1997, os países afetados têm se recuperado.

¹³ CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – V.1 - A Sociedade em Rede*, p. 123.

Terceiro Mundo: formado pelos países pobres, o chamado terceiro mundo sofreu o impacto da década perdida de 80 e especialmente da crise da dívida, das quais não se recuperou. Muitos destes países se incorporaram a economia global na década de 90, mas sua fraqueza os deixa, ainda, numa situação de dependência. A modernização e privatização em alguns deles têm trazido esperanças, mas sem a mudança estrutural dos sistemas produtivos e o acesso à tecnologia será difícil reverter à situação mencionada.

A competitividade de América Latina exige uma série de características para que as empresas e os países envolvidos possam se inserir plenamente na economia mundial. Dentre elas, pode mencionar-se a capacidade tecnológica, o acesso aos grandes mercados integrados, a capacidade de gerar um diferencial entre custos de produção e preços de venda e de impulsionar estratégias de crescimento.

Noutras palavras, o reconhecimento e aceitação do **paradigma da tecnologia de informação** devem ser necessariamente o primeiro passo para a incorporação dos países menos desenvolvidos na economia informacional. Segundo FREEMAN¹⁴, “*Um paradigma econômico e tecnológico é um agrupamento de inovações técnicas, organizacionais e administrativas inter-relacionadas cujas vantagens devem ser descobertas não apenas em uma nova gama de produtos e sistemas, mas também e, sobretudo, na dinâmica da estrutura dos custos relativos de todos os possíveis insumos para a produção*”.

(...) *A mudança contemporânea de paradigma pode ser vista como uma transferência de uma tecnologia baseada principalmente em insumos baratos de energia para uma outra que se baseia predominantemente em insumos baratos de informação derivados do avanço da tecnologia em microeletrônica e telecomunicações*”.

O paradigma da tecnologia da informação evolui para redes de acessos múltiplos, aquelas da sociedade em rede e da economia informacional. Sobre a tecnologia pode-se dizer, com KRAZBERG¹⁵ que: **A tecnologia não é nem boa nem ruim e não é neutra.** América Latina deve-se incorporar a ela através da modernização tecnológica.

Nos últimos anos apareceu no mundo dos negócios uma nova revolução chamada digital, que seria um aprofundamento da tecnológica descrita anteriormente. Especialmente nos anos da pandemia de Covid19, a transformação digital permitiu a mudança do sistema tradicional de trabalho presencial para o virtual puro (home office) e, ainda para o híbrido (que combina o trabalho presencial e o virtual). A Figura 1 apresenta uma sala de trabalho presencial. Scholnik (2021)¹⁶, analisou a questão da transformação digital, que classificou em quatro passos do mais simples ao mais complexo. Esses passos são os seguintes:

- **Sistema de registros (SOR):** usados pelos que iniciaram cedo a transformação, que usam dados internos para armazenar informação de fácil acesso aos funcionários, como o CRM (Customer Relationship Management) ou o EHR (Electronic Health Record).

¹⁴ CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – V.1 - A Sociedade em Rede*, pp. 77 e 78.

¹⁵ CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – V.1 - A Sociedade em Rede*, p. 81.

¹⁶ SCHOLNIK, Iain, *The Evolution of Digital Transformation*, FORBES COUNCIL MEMBE. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/forbestechcouncil/2021/08/12/the-evolution-of-digital-transformation/?sh=6e7738e86fb8>

Figura 1 – Sala de trabalho presencial



Sistemas de colaboração: como o sistema anterior mantinha as empresas isoladas, foi gerado um sistema que usando os dados do SOR, permitia um fluxo de conhecimento entre os funcionários a uma velocidade nunca vista antes (SLCK e TEAMS são exemplos que aperfeiçoaram a colaboração).

- **Sistemas de compromisso:** o avanço na tecnologia de otimização de dados permitiu que os novos sistemas colhessem e fornecessem os dados mais rápido que antes e proviessem clareza de negócios a um ritmo rápido. Plataformas como Zendesk, Constant Contact e ainda o Facebook, permitem aos usuários utilizar os dados coletados de uma forma nunca possível anteriormente.
- **Sistemas de produtividade e resultados:** último estágio da evolução, envolve a junção de produtividade e resultados. A tecnologia finalmente progrediu até o ponto em que é possível aproveitar todas as vantagens anteriores e usá-las de uma forma coesiva e unificada para criar plataformas para os clientes.

Figura 2 – Tigres Asiáticos¹⁷

¹⁷ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/tigres-asiaticos.htm> . Acessado em: (13/05/2023)



III – O FUTURO DA AMÉRICA LATINA

No caso particular de América Latina, seu desenvolvimento foi realizado através do modelo de exportação de matérias primas básicas que se esgotou na década de 60 devido à redução da participação desse tipo de produtos na estrutura do comércio mundial, dos programas de substituição de importações para industrialização, modelo que se deteriorou durante a década de 70 devido às mudanças tecnológicas da época, e, finalmente, no modelo de promoção de exportações, cuja vida terminou para os países da região com a exceção do Chile, na década de 80. A evolução do comércio intrarregional e global da América Latina e Caribe no período 1980/2020 se apresenta no Quadro 1, e mostra superávit global na metade dos anos do período e déficit nos restantes. O Quadro 2 apresenta o detalhamento do intercâmbio comercial de 2020/2021. Este último gráfico mostra a participação do Mercosul nas exportações e importações intrarregionais, variando entre 65 e 70%.

O endividamento maciço e irresponsável na década de 70, a crise da dívida de 82 e as políticas monetárias para corrigir os efeitos dessa crise complicaram o desenvolvimento latino-americano. Os resultados das políticas de reestruturação nesta década foram o atraso e a crise social. A década de 80 foi chamada “*a década perdida*” na América Latina, embora durante ela realizou-se a democratização do continente. Os programas de modernização da década de 90 procuraram controlar a inflação, reduzir a participação do Estado na economia através da privatização e dessa forma incorporar o continente à economia global.

Porém, a falta de modernização tecnológica não permite realizar exportações de alto valor agregado da região para a economia global, o que dificulta a geração de divisas para o pagamento da dívida e para investimento, configurando-se desta forma uma situação da qual não é possível escapar. São duas as alternativas que se apresentam às economias latino-americanas, que poderão escolher entre os seguintes modelos de desenvolvimento:

- ◆ Modelo baseado na exploração da população e do meio ambiente, sendo seu objetivo a redução do custo de produção, para aumentar as exportações.
- ◆ Modelo que reúne a competitividade externa, o bem-estar social e a expansão do mercado interno, preocupando-se com a distribuição da renda e a modernização tecnológica e administrativa.

O segundo modelo apresentado acima reflete o modelo chileno, democrático, da década de 90 e as experiências de desenvolvimento realizadas no Leste asiático, nas últimas décadas.

Desde o ponto de vista da reestruturação produtiva, América Latina percorreu os diversos estágios da divisão internacional do trabalho, desde a época colonial quando era fornecedores líquidos de minérios, ouro, açúcar, cacau, pedras preciosas e outros produtos básicos que eram exportados sem agregação de valor. Em contrapartida, as necessidades coloniais de produtos manufaturados eram fornecidas pelas metrópoles, dentre as quais podem ser mencionadas Inglaterra, França, Holanda e em menor medida, Espanha e Portugal.

Durante a segunda divisão internacional do trabalho, a maioria dos países latino-americanos continuou com o seu papel de fornecedores de insumos básicos e uns poucos começaram a se industrializar mediante a fabricação local de produtos de consumo e vestiário, para posteriormente desenvolver indústrias leves e pesadas, utilizando tecnologias originárias dos países centrais. O desenvolvimento da indústria automobilística foi realizado através do modelo fordista, na década de 50, para atender as necessidades dos mercados nacionais e regionais.

Na década de 80, o Brasil foi capaz de exportar veículos para o mercado africano. Posteriormente, depois da abertura das economias do Mercosul, as empresas automobilísticas começaram a operar em rede e a fabricar nos diversos países para atender o mercado regional e, em alguns casos, alguns mercados da Europa.

Na terceira divisão internacional do trabalho, a reestruturação produtiva resultante deixou aos países da América latina numa situação de desvantagem por não dispor de tecnologias e pelo protecionismo dos países industrializados.

Os países mais avançados da América Latina desenvolveram-se a partir de modelos agro-exportadores, através de programas de substituição de importações e de promoção de exportações, sem com isso ter conseguido deixar sua condição de países em desenvolvimento. Argentina, Brasil, Chile, México e Venezuela continuam dependentes de capitais e tecnologias, tentando sobreviver numa sociedade informacional em rede, na qual o desemprego estrutural aumenta, as exigências dos novos postos de trabalho são cada vez maiores e sendo o setor de serviços o destino de boa parte do contingente desempregado da indústria.

O México, apesar de sua parceria com EUA e CANADÁ no NAFTA, tem dificuldades e ARGENTINA sofre uma recessão de mais de três anos cujo fim não parece estar próximo. T

Talvez seja o BRASIL o único país latino-americano que, no momento, dispõe de um setor de alta tecnologia em pleno funcionamento: o setor aeronáutico. A redução do grau de dependência tecnológica passa pelo desenvolvimento de outras EMBRAER, ou de atividades relacionadas com a energia nuclear, setores nos quais existe tecnologia própria.

A dependência de capitais deve continuar, na medida que os governos e/ou as elites dominantes não decidam se ajustar à utilização dos recursos disponíveis e a necessidade da reorganização dos Estados nacionais.

Pode-se concluir assim que três processos independentes e coincidentes durante as décadas de 60 a 80 levaram o mundo a sua configuração atual, diferente do que era conhecido ou

tradicional. Esses processos foram a *revolução tecnológica da informação*, a *crise e posterior reestruturação do capitalismo e do estatismo* e o *aparecimento e desenvolvimento de diversos movimentos sociais culturais* como os direitos humanos, o feminismo, o ambientalismo e libertarismo.

A interação desses processos motivou a aparição de uma nova estrutura social: a sociedade em rede, uma nova economia: a economia informacional ou global, uma nova cultura: a cultura virtual real e uma nova divisão internacional do trabalho.

Foi a revolução da tecnologia de informação que permitiu o surgimento do informacionismo. Nele, a geração de riqueza, o exercício do poder e a criação de códigos culturais passaram a depender da capacidade tecnológica das diferentes sociedades. A sociedade em rede gera a inclusão e a exclusão de países, regiões ou indivíduos, em função da disponibilidade ou não das tecnologias e/ou dos conhecimentos para utilizá-las.

Nesse novo cenário, a América Latina, quase totalmente alinhada com o sistema capitalista, está desenvolvendo seu processo de desenvolvimento e de integração regional, através da constituição de blocos regionais e sub-regionais. Esses processos de integração, numa realidade informacional como a atual, exigem alta competitividade para aumentar a participação da região no comércio mundial, o que por sua vez requer elevada produtividade atrelada às tecnologias de ponta. Estas permitirão não só a inserção internacional, mas também facilitarão a geração de receita com a venda de produtos de maior valor agregado.

Não parece ser esta a situação da região. Pelo contrário, ainda quando parcialmente inseridos na sociedade em rede, a falta de investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) e em ciência e tecnologia (C&T) e da conseqüente modernização tecnológica, coloca quase todos os países latino-americanos em uma posição de dependência da exportação de produtos básicos e de manufaturados de tecnologia média ou baixa. Brasil e México e, a Argentina quando voltar a crescer, exportam manufaturados de tecnologia mais avançada, embora ainda longe das tecnologias de ponta.

Os esforços realizados em termos de privatização não têm incorporado novas tecnologias, com a exceção das correspondentes às companhias telefônicas. O resto tem adquirido ativos existentes em infraestrutura, através de investimentos diretos (IDE), sem incorporar novas tecnologias. Espera-se que esta situação se reverta no médio e longo prazos, quando o efeito dos investimentos atrelados às privatizações comece a aparecer.

O futuro dos países mais desenvolvidos da região (Argentina, Brasil, Chile e México) na economia informacional deve ser, por esse motivo, relativamente melhor que a média do continente. A região necessita se inserir nos mercados financeiros mundiais numa situação de independência, para facilitar investimentos produtivos na América Latina, geradores de emprego e de exportações, o que permitiria melhorar a situação dos balanços de pagamentos e a situação social das populações.

Com relação à reestruturação produtiva, os países da América Latina formam parte da periferia e/ou semiperiferia, pela elevada participação do setor primário nas suas economias e um relativo baixo grau de industrialização, conseqüência de processos de desenvolvimento industrial tardios. Brasil é o país de maior desenvolvimento industrial da região, seguindo detrás dele, México, Argentina e Chile.

A aplicação das técnicas de produção flexível nos países da América Latina começou na década de 90 na indústria automobilística e seus efeitos começaram a ser sentidos rapidamente. A necessidade de reeducação e de qualificação de pessoal deixou fora dos quadros trabalhistas

aos menos preparados e aos menos abertos à mudança. A expansão destas técnicas e a adaptação a suas conseqüências tomarão tempo e esforço.

III.1 AMÉRICA LATINA E CARIBE: VINTE ANOS DEPOIS

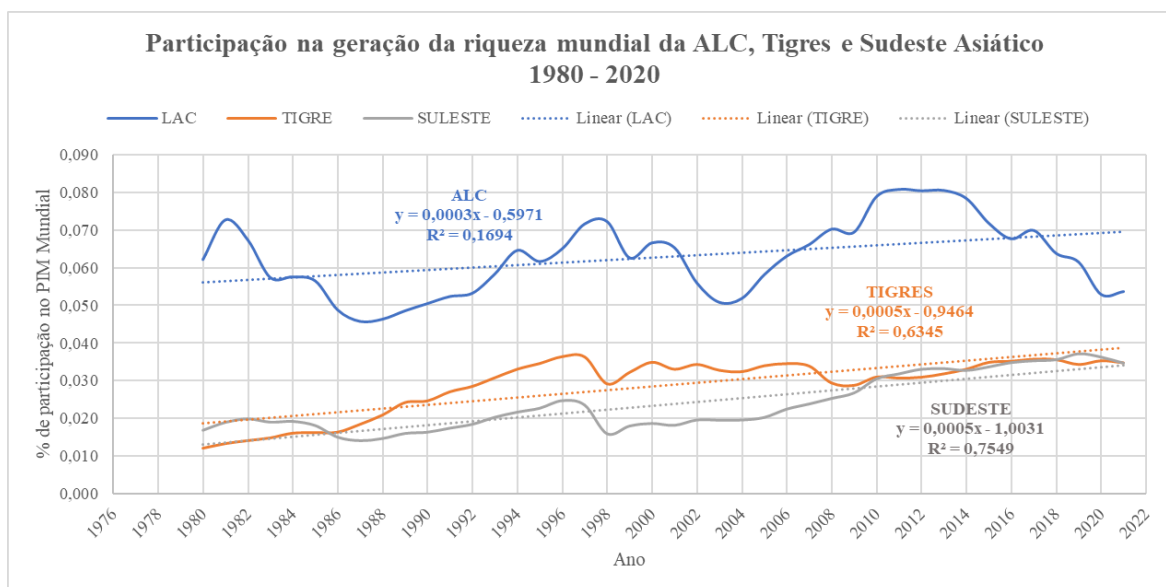
O desempenho da ALC nos vinte anos transcorridos desde a publicação do texto original não apresenta mudanças significativas. A contribuição da região à geração a riqueza mundial se manteve sem variações expressivas, como indica o Gráfico 2.

Sua participação média foi de 6,3% com um máximo de 8,1% em 2013 e um mínimo de 4,6% em 1987. O comportamento ao longo do período superou o dos Tigres e o do Sudeste Asiáticos, embora o crescimento anual destes últimos tenha sido maior.

As perspectivas para os próximos anos sugerem que a região de ALC continuará sendo fornecedora de insumos básicos e, provavelmente um importante fornecedor de minerais para uma economia de baixo conteúdo de carbono.

PIRES (2023)¹⁸ num artigo recente apontou que a região deverá ser um ator relevante na indústria automotiva, no seu caminho na implantação de veículos elétricos. Especificamente mencionou a região como responsável pela produção global de 40% do cobre (Chile, México e Peru) e a Bolívia como possuidora dos maiores depósitos de lítio do mundo.

Gráfico 2 – Participação na geração da riqueza mundial, ALC, Tigres e Sudeste Asiático



B2. ¹⁸ PIRES, Adriano, *Vem aí a “nacionalização metálica”*, Jornal O Estado de São Paulo, 23/05/2023, p.

SOUZA (2020)¹⁹ num artigo sobre tecnologia apontou a Argentina como um ator importante em vistas ao futuro. Segundo esse autor, um estudo do Global Skills Index (GSI) de 2019 afirmou que a Argentina era o país com maior talento tecnológico do mundo, seguido pela República Tcheca, Espanha, Áustria e Polônia.

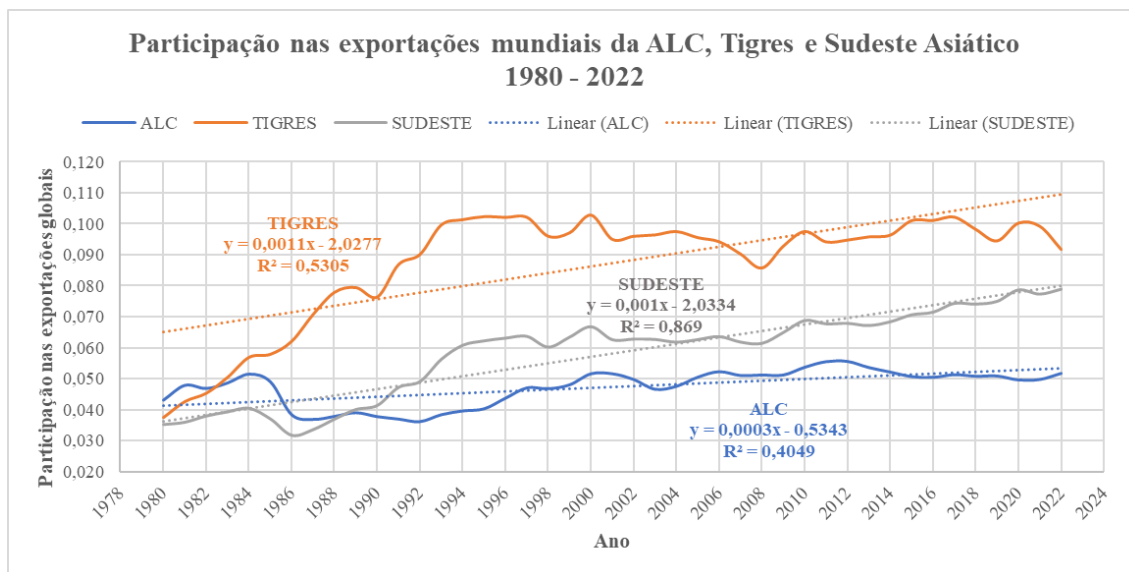
Argentina, segundo BARRIA (2023)²⁰ tinha em 2022 nove projetos de investimento relacionados com o lítio e, junto com a Bolívia e o Chile, estava no centro da disputa entre EUA e a China por esse metal. Cabe apontar que mais da metade do lítio mundial está nesses três países, segundo essa autora.

Outra característica dos últimos anos, a qual foi submetida a ALC e o resto do mundo, foi a explosão de uma pandemia que modificou a forma de trabalho da sociedade. Trata-se da COVID 19 que gerou o trabalho em casa (*home - office*), on-line (através do uso de computadores) e híbrido (mistura dos dois modos anteriores), desconhecidos até esse momento.

O desempenho no comércio exterior (exportações e importações mundiais) se apresenta nos gráficos 3 e 4 seguintes. Eles mostram que iniciando as séries das participações nas exportações mundiais dos grupos analisados aproximadamente iguais (0,040), tiveram um crescimento desigual e no período, ALC (0,05) perdeu espaço para os Tigres (0,09) e o Sudeste (0,08) Asiáticos.

Já as importações iniciaram o período com ALC superando os outros grupos e, ao longo do período analisado, novamente ALC (0,05) perdeu espaço para os Tigres (0,09) e o Sudeste (0,07) Asiáticos. Resulta assim evidente que as políticas públicas da ALC relacionadas com o comércio internacional foram mais fracas que as aplicadas pelos outros agrupamentos.

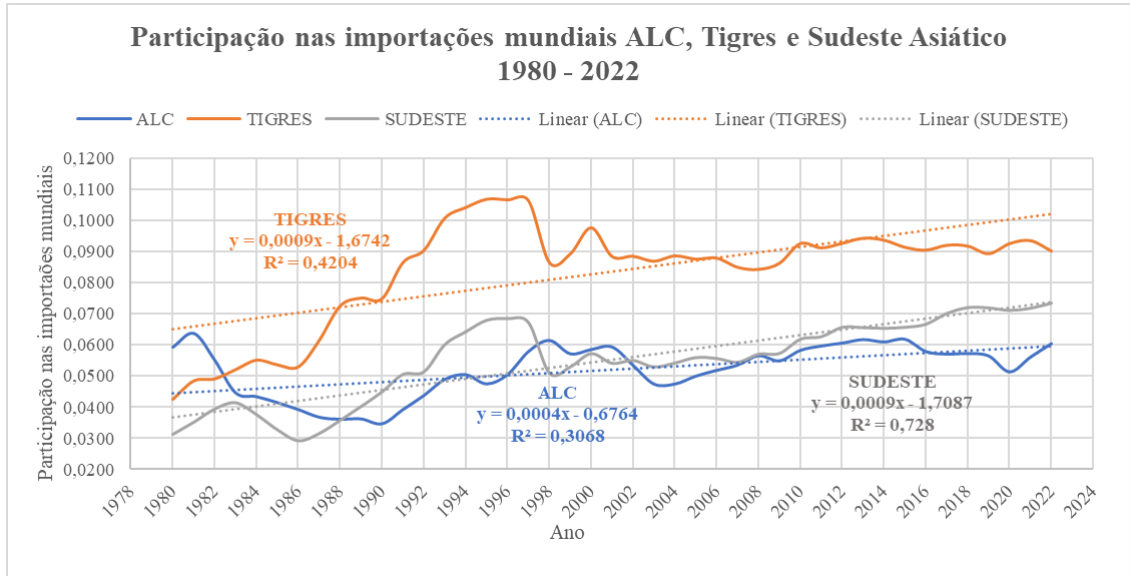
Gráfico 3 – Participação nas exportações mundiais da ALC Tigres e Sudeste Asiático



¹⁹ SOUZA, Guto, *Tecnologia Argentina: Grande legado e olhar para o futuro*. Disponível em: <https://feedidigno.com.br/tecnologia/tecnologia-argentina-grande-legado-e-olhar-para-o-futuro/>. Acessado em: 20/05/2023.

²⁰ BARRIA, Cecília, *A disputa entre China e EUA por lítio na América Latina*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0vz35p4pqgo>. Acessado em: 21/05/2023.

Gráfico 4 – Participação nas importações mundiais da ALC Tigres e Sudeste Asiático



Dessa forma, pode-se esperar que ALC continue estagnada e dependa da incorporação de novas tecnologias de baixo carbono para melhorar sua participação no cenário mundial.

Quadro 1: Evolução do Comércio Intra-regional e Global da ALADI, no período 1980/2022

ANO	EXPORTAÇÕES			IMPORTAÇÕES		
	(Milhões de USD)					
	ALADI	RESTO	GLOBAL	ALADI	RESTO	GLOBAL
1980	10.853	70.123	80.976	10.529	75.113	85.642
1981	11.186	77.665	88.851	12.199	82.024	94.223
1982	9.856	73.850	83.706	10.620	63.035	73.655
1983	7.018	78.861	85.879	7.698	46.659	54.357
1984	8.187	88.553	96.740	8.543	49.689	58.232
1985	7.071	84.892	91.963	7.533	47.463	54.996
1986	7.987	66.797	74.784	7.674	49.026	56.700
1987	8.460	78.395	86.855	8.496	56.312	64.808
1988	9.670	92.904	102.574	9.914	65.749	75.663
1989	11.338	104.670	116.008	11.147	70.214	81.361
1990	12.169	113.845	126.014	12.381	81.195	93.576
1991	15.047	111.770	126.817	15.620	97.157	112.777
1992	19.417	114.962	134.379	20.110	118.966	139.076
1993	23.689	121.365	145.054	22.911	130.175	153.086
1994	28.557	140.795	169.352	28.599	154.794	183.393
1995	35.500	170.508	206.008	34.976	170.100	205.076
1996	38.308	193.185	231.493	39.331	189.445	228.776
1997	45.647	211.946	257.593	46.472	227.962	274.434
1998	43.213	208.083	251.296	45.361	240.710	286.071
1999	34.792	235.446	270.238	36.811	238.699	275.510
2000	42.860	283.537	326.397	45.732	290.684	336.416
2001	43.210	279.434	322.644	46.511	292.047	338.558
2002	39.158	281.483	320.641	40.756	252.999	293.755
2003	43.822	305.772	349.594	45.955	257.695	303.650
2004	61.721	368.414	430.135	63.033	311.829	374.862
2005	77.084	450.956	528.040	79.679	365.812	445.491
2006	95.290	535.809	631.099	98.520	432.987	531.507
2007	111.924	546.423	658.347	119.194	517.960	637.154
2008	134.939	606.746	741.685	150.429	637.146	787.575
2009	100.566	481.453	582.019	109.822	481.944	591.766
2010	129.204	624.002	753.206	135.956	637.033	772.989
2011	157.570	768.594	926.164	169.188	777.861	947.049
2012	158.725	771.673	930.398	169.087	813.692	982.779
2013	155.127	770.177	925.304	165.048	849.901	1.014.949
2014	143.227	772.180	915.407	154.116	857.387	1.011.503
2015	112.225	688.274	800.499	110.989	746.231	857.220
2016	102.516	675.554	778.070	102.458	682.873	785.331
2017	116.415	760.089	876.504	119.273	743.436	862.709
2018	124.833	834.237	959.070	127.257	827.392	954.649
2019	97.009	393.595	490.604	103.041	364.503	467.544
2020	80.257	365.498	445.755	84.556	310.373	394.929
2021	114.170	496.508	610.678	119.736	448.461	568.197
2022	71.247	299.728	370.975	74.256	283.389	357.645

Fonte; 1980-2001 vários informes ALADI/SEC/di - 2002 - 2022 link acesso a mercados da ALADI

Quadro 2: Intercâmbio Comercial por Países na América Latina 2020/2021

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALADI: Acesso à mercados. Disponível em: <https://accesoamercados.aladi.org:8443/PLGN/JavaEnvironment/com.plgn.maintotxpais>

ARENAL, Celestino del – *Introducción a las Relaciones Internacionales* – Madrid – Editorial Tecnos – 3ª Edição – 1990 – 495 p.

BARRIA, Cecília, *A disputa entre China e EUA por lítio na América Latina*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0vz35p4pqgo>

CASTELLS, Manuel – *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* – 3V – São Paulo – Paz e Terra – 1999 – V1: *A Sociedade em Rede*, 617 p. – V3: *Fim do Milênio*, 497 p.

FURTADO, Celso – *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico* – São Paulo – Paz e Terra – 2000 – 355 p.

GOUNET, Thomas – *Fordismo e Toyotismo na civilização do automóvel* – São Paulo – Boitempo Editorial – 1999 – 117 p.

NEW YORK TIMES Journal. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/02/23/world-asia/china-xi-jinping-world.html>

PIRES, Adriano, *Vem aí a “nacionalização metálica”*, Jornal O Estado de São Paulo, 23/05/2023, p. B2.

POCHMANN, Marcio – *O emprego na globalização* – São Paulo – Boitempo Editorial – 2001 – 151 p.

SCHOLNIK, Iain, The Evolution of Digital Transformation. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/forbestechcouncil/2021/08/12/the-evolution-of-digital-transformation/?sh=6e7738e86fb8>. Acessado em: 21/05/2023.

SEVERINO, A. J. – *Metodologia do Trabalho Científico* – São Paulo – Cortez Editora - 20^a. Edição – 1998 – 272 p.

SENNETT, Ricardo – *A corrosão do caráter* – Rio de Janeiro – Record – 1999 – 204 p.

SOUZA, Guto, *Tecnologia Argentina: Grande legado e olhar para o futuro*. Disponível em: <https://feededigno.com.br/tecnologia/tecnologia-argentina-grande-legado-e-olhar-para-o-futuro/>

TIGRES ASIÁTICOS. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/tigres-asiaticos.htm>.